

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Jornal do Verde

Class.: P1X-Prod.Cultural

Data: 12/04/85

Pg.: 601

**X**ingu apresenta uma tentativa de enxergar o mundo com os olhos do índio. Em toda a série não há brancos dizendo o que é o índio. Não tem antropólogo nem sociólogo. Xingu é, tanto quanto possível, uma descrição das culturas dos índios e uma tentativa de sistematizá-las. As definições são do jornalista Washington Novaes, responsável pela pesquisa, pré-roteiro, reportagem, narração e direção da série que a TV Manchete começa a mostrar na segunda-feira, às 22h20 (reprises aos domingos às 15 horas).

A preocupação em mostrar as nações do Xingu "com os olhos dos índios foi tamanha que, para registrar cenas do relacionamento entre casais de namorados Kuikuro, Washington Novaes entregou a câmara a um dos chefes da tribo, Tabata. "O índio é muito discreto, seu comportamento no amor é bastante diferente do nosso. Achei que os casais iam ficar inibidos com a presença de estranhos documentando seu namoro e pedi ao Lula Araújo (responsável pela bela fotografia da série) para ensinar ao Tabata alguns controles básicos do equipamento".

Fascinado com sua experiência no Xingu — onde ficou por mais de dois meses acompanhado de outros três integrantes da equipe —, Washington Novaes recorre a uma frase do antropólogo Darcy Ribeiro para definir seu entusiasmo. "Ele diz que ninguém passa incólume à experiência de ver o mundo com os olhos do índio. Foi, realmente, uma experiência muito forte, que mexeu muito conosco."

Para exemplificar este fascínio, o jornalista enumera algumas das características das tribos indígenas. "Trata-se de uma sociedade sem classes, sem Estado, sem dinheiro, sem tempo e sem mazelas tais como hospício, cadeia, hospital, bordel. É algo extremamente simples e, ao mesmo tempo, sofisticado." Novaes destaca



Algumas das cenas foram feitas pelos índios

# XINGU

**O dia-a-dia das tribos indígenas, sem branco, antropólogos ou sociólogos.**

É a série de dez programas da TV Manchete, que estréia segunda, mostrando o índio por ele mesmo.

ainda características como a ausência de poder dos chefes ("o índio não delega poder, o chefe é um representante da cultura, das tradições"), o caráter democrático do saber ("ninguém se apropria da informação para transformá-la em poder político ou econômico") e a sinceridade ("em seus idiomas não existe a palavra mentira").

A idéia do programa surgiu em janeiro do ano passado, quando Washington Novaes — que mora em Goiânia — foi chamado ao Rio pela Intervideo (que co-produziu a série). Segundo o jornalista, dentre as nações que tiveram contato com o branco, as do Xingu são as que menos se degradaram. "Isto, graças à ausência de missionários religiosos e ao trabalho dos irmãos Villas-Boas. O resultado é que existem ali culturas bem próximas do estágio que se encontravam antes do encontro com os brancos."

Em maio de 1984, o projeto foi levado à Funai, onde, segundo Washington Novaes, "ficou meio emperado". "Logo depois, houve aquele conflito no Xingu, que culminou com o seqüestro de uma balsa pelos índios. Neste momento — confessa —

chegou a pensar que a idéia do programa seria definitivamente abortada. Passado o conflito, porém, foram retomados os contatos, desta vez, com os índios Marcos Terena (chefe de gabinete da Presidência da Funai) e Megaron, diretor do Parque do Xingu. A proposta foi levada às tribos do Xingu, que aceitaram a presença da equipe. A grande novidade destas negociações foi que, pela primeira vez, houve o pagamento aos índios dos direitos de utilização da sua imagem, como determina uma portaria assinada pelo ex-presidente da Funai, Jurandy Fonseca. Segundo Novaes, os produtores pagaram aos índios, em julho do ano passado,

Cr\$ 35 milhões — referentes aos direitos de exibição de Xingu no Brasil. "Caso a série seja vendida para o Exterior teremos de pagar mais aos índios", explica.

O jornalista faz questão de ressaltar que a relação da equipe com os índios foi bastante respeitosa. "Isto, desde o início, quando negociamos os direitos de imagem". "Não pedimos para que eles produzissem nada para que nós gravássemos, assim como não registramos nenhuma cena que eles não quisessem." Frisa ainda o cavalheirismo, a gentileza e a delicadeza dos índios com que trabalharam — das tribos Waura, Kuikuro, Kren-Akroro e Txucarramãe. "Eles procuraram nos ajudar ao máximo."

Na tentativa de mostrar as culturas do Xingu do nascimento à morte do índio, a equipe (que contou ainda com o produtor José Carmo Silveira e o operador de som e VT Antônio Gomes) registrou momentos como a pescaria com timbó — cipó venenoso — e rituais como o quarup (homenagem ao espírito dos mortos ilustres) e a pajelança, quando vários pajés se reúnem para ajudar a uma índia Waura a dar à luz.

**Fernando Molica**